

In memoriam: **Mario Perniola**

Juan Manuel Terenzi¹

367

Mario Perniola foi filósofo, escritor e professor universitário. De 1966 a 1969 esteve vinculado à Internacional Situacionista, movimento de vanguarda fundado por Guy Debord e que se ocupava com causas políticas e sociais. Iniciou sua trajetória como docente em 1970, lecionando na Universidade de Salerno, e a partir de 1983 transferiu-se para a Universidade de Roma “Tor Vergata”. Sua produção intelectual centrou-se no campo da estética, na teoria da arte e na arte contemporânea, com várias obras publicadas ao longo de sua vida. Faleceu em Roma, no dia 9 de janeiro de 2018 aos 76 anos de idade.

Seu nascimento ocorre no norte da Itália, na cidade de Asti, e em 1965 licencia-se no curso de Filosofia na Universidade de Turim sob a supervisão de Luigi Pareyson, nome conhecido na América Latina, principalmente na Argentina, pois lecionou em Mendoza na Universidad Nacional de Cuyo, tendo dirigido o Instituto de Filosofia dessa universidade de 1948 a 1950². Além da proximidade com Pareyson, Perniola teve a oportunidade de conhecer outros importantes nomes dentro do campo da filosofia e da literatura, como Gianni Vattimo e Umberto Eco. Porém, o desejo de se alimentar de diversas fontes culturais para expandir seu potencial intelectual fez com que Perniola viajasse pelo mundo, tendo sido professor convidado em vários países: Canadá, Estados Unidos, França, Japão, e inclusive no Brasil.

1 Doutorando CNPq/UFSC, membro do Núcleo Onetti e orientando da professora Dra. Liliana Reales.

2 Para mais informações sobre a passagem de Luigi Pareyson por Mendoza: http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/3996/15-vol-10-11-baldrich.pdf.

Suas primeiras indagações se detêm sobre a relação entre a literatura e a filosofia, e num de seus primeiros textos ele se centra naquele que é considerado um dos autores mais influentes do século XX: Samuel Beckett. Perniola publica em 1961, quando contava somente 20 anos de idade, “Beckett e la scrittura esistenziale”, um texto que se debruça sobre *O inominável* (1953) e que possui um olhar maduro e de elevada densidade intelectual para refletir acerca de uma produção literária tão intensa e radical como a proposta pela literatura de Beckett. Neste ensaio, publicado no outono de 1961 para a revista *Tempo Presente* e posteriormente no livro – que também foi sua tese de doutorado – *Il Metaromanzo* (1966), podemos ler uma passagem que seria válida para uma boa quantidade de produções literárias do século XX:

368

Talvez cada nova manifestação do pensamento deva conter em si mesma os germes de sua destruição, e o poeta consciente deva limitar-se a expressar uma intenção literária, a vontade – por exemplo – de escrever um romance que fale de modo autêntico do autor; o qual talvez, se dá o salto e tenta escrevê-lo seriamente, não se salva do ridículo; talvez projeto e realização coincidam. É claro que o livro de Beckett se parece mais com um manual de preceptística retórica do que com a obra-prima que deseja inspirar. Beckett é, em certo sentido, o Quintiliano moderno: um manual de preceptística retórico que não sugere nenhuma obra de arte nova, porque se arroga a pretensão de ser ele próprio uma obra de arte.³

Todavia, Perniola não se deteve somente na reflexão sobre a autorreferencialidade das obras literárias, ao longo de sua carreira publica sobre os mais variados assuntos. Para citarmos apenas algumas destas obras, temos que em 1980 aparece *A sociedade dos simulacros*, em que o termo simulacro se relaciona com mais afinidade ao pensamento de Nietzsche e Klossowski – o simulacro entendido como algo além do verdadeiro e do falso, mais próximo, portanto, de uma concepção de jogo – do que com Jean Baudrillard; em 1982 sai um volume sobre o pensamento de Heidegger, *Dopo Heidegger: filosofia e organizzazione della cultura*⁴; em 1994 publica *O sex-appeal do inorgânico*⁵, relacionando a filosofia com a sexualidade, partindo da observação de

3 PERNIOLA, Mario. *Beckett e a escrita existencial*. Tradução de Juan Manuel Terenzi. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017, p. 20.

4 *Depois de Heidegger: filosofia e organização da cultura*. Sem tradução ao português.

5 PERNIOLA, Mario. *O sex-appeal do inorgânico*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

Walter Benjamin em “Grandville ou as exposições universais” onde se afirma que “Ela [a moda] acopla o corpo vivo ao mundo inorgânico. Face ao vivo, ela faz valer os direitos do cadáver. O fetichismo que está assim submetido ao “sex appeal” do inorgânico é seu nervo vital”⁶, e que por sua vez se remonta a Karl Marx e ao fetichismo da mercadoria em *O Capital*. Com *Milagres e traumas da comunicação* (2009), Perniola enfoca quatro momentos cruciais da história mundial: a revolta de 1968, a revolução iraniana de 1979, a queda do muro de Berlim em 1989, e o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001. Como se pode ver, a produção de Perniola é extensa e abrange várias questões que permanecem atuais.

No que diz respeito ao Brasil, e especialmente ao estado de Santa Catarina, há uma relação muito próxima com Mario Perniola. Em nosso estado já foram traduzidos os seguintes textos: Carolina Pizzolo Torquato, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, traduziu *Enigmas. O momento egípcio na sociedade e na arte* (2009) pela editora Argos de Chapecó; David Pessoa Carneiro, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, traduziu *Desgostos: novas tendências estéticas* (2010) e *Ligação direta: estética e política* (2011), ambos pela Editora da UFSC de Florianópolis; por fim, Juan Manuel Terenzi, quem escreve esta breve introdução ao pensamento de Perniola, traduziu três textos curtos, *Animais quase sábios, animais quase loucos* (2016), o texto anteriormente citado, *Beckett e a escritura existencial* (2017), os quais saíram pela editora Cultura e Barbárie de Florianópolis, e “Pensar o Between. Sobre o pensamento de Hugh J. Silverman” (2018) publicado nesta edição da revista *Landa*.

Quando analisamos as publicações mais recentes de Perniola, vemos que especificamente sobre o conceito de arte, como fica explícito em *L'arte espansa* (2015) e em seu último livro publicado em vida, *Estetica italiana contemporanea* (2017). No primeiro, Perniola expande – como sugerido pelo próprio título – o poder de alcance do que pode ser denominado de arte (desde a arte pop, a performance e a *body art*), e a frase inaugural sumariza bem o que o leitor irá encontrar ao longo de suas páginas: “A bolha especulativa daquele “mundo da arte”, iniciado no fim dos anos 1950 e caracterizado pela solenização cultural das vanguardas históricas, cujo nume tutelar foi Marcel Duchamp, finalmente estourou”⁷.

6 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 58.

7 PERNIOLA, Mario. *L'arte espansa*. Torino: Einaudi, 2015, p. 8. [tradução minha]

Enquanto no segundo, Perniola aborda trinta e dois pensadores italianos que tiveram forte impacto nos últimos cinquenta anos. Partindo de Aristóteles, Perniola traça um caminho para indicar de onde provêm as indagações desses autores italianos abordados em seu livro:

Para Aristóteles existem quatro tipos de opostos: correlativos, contrários, privação-posseção e contradição. Como se percebe, ele privilegia a relação de contrariedade (em que existe um justo meio) em relação aos outros. Será necessário esperar dois mil anos para que Hegel atribua à contradição um papel decisivo na compreensão da realidade. Pouco depois, com Nietzsche e Freud, bem como com seus intérpretes e sequazes, se abrirá um espaço conceitual que vai além da lógica aristotélica e da dialética hegeliana. A estética italiana contemporânea, vista desde um ponto de vista especulativo, nasce nos anos 1960, quando o idealismo é abandonado e irrompe a exigência de pensar os opostos de outro modo.⁸

Para citar um exemplo, a análise que ele fornece acerca do pensamento de Giorgio Agamben é riquíssima, ocupando várias páginas do livro, em que se pode ver retomado um tema caro ao seu pensamento, a saber, a relação entre o homem e o animal. Partindo do livro *L'aperto. L'uomo e l'animale* (2002) de Agamben, Perniola afirma que o homem atual se caracteriza por aquilo que Heidegger atribuía justamente ao animal, isto é, o atordoamento⁹ (*Benommenheit*): “o seu modo de ser é o atordoamento (*stordimento*) [...] se poderia dizer que o homem, por um lado, está aberto para todo tipo de intoxicação e de dependência, por outro, está isolado em si mesmo e inacessível a qualquer comunidade. Um ser assim é capaz de tudo e não é responsável por nada!¹⁰”.

Por fim, nesta tradução que publico juntamente com a revista *Landa*, Mario Perniola, partindo do *between* de Hugh Silverman, passeia por diversos caminhos filosóficos no que diz respeito ao termo “entre”. Publicado no número 13 (2007) da revista *Ágalma*¹¹ – fundada por

8 PERNIOLA, Mario. *Estetica italiana contemporanea*. Bompiani: Firenze, 2017, p. 10. [tradução minha]

9 Não se pode deixar de mencionar o texto de 1973 de Jacques Lacan, *L'étourdit*, que se ampara em três “saberes que o analisando deve possuir ao final da análise: 1. Sobre o sexo: não há relação sexual, 2. Sobre o sentido: não é sério, é cômico, 3. Sobre a significação: toda significação provém do fantasma.”. In: KRUEL, Sandra Seara. “Final de análise”. *Reverso*, v. 29, n. 54. Belo Horizonte, set. 2007, p. 1.

10 *Ibidem*, pp. 131, 132. [tradução minha]

11 www.agalmaweb.org

Perniola no ano 2000 e que já possui 34 números disponíveis – se vai além do que o título indica, “Pensar o Between. Sobre o pensamento de Hugh J. Silverman”, uma vez que ao pensar o *between*, Perniola aborda este conceito desde o universo greco-latino até o *zwischen* trabalhado por Heidegger. Como se pode observar nestas brevíssimas linhas, a avidez do pensamento de Perniola o fazia percorrer diversos cenários, épocas, culturas e idiomas, e espero que se tenha podido provar um pouco do rico sabor que seus escritos proporcionam.

Cabe destacar que Perniola também se aventurou no campo da literatura, e como palavras finais deixo-os com o último parágrafo de seu livro *Tiresias* (1968) – personagem do mundo grego antigo, conhecido sobretudo pela sua atuação na tragédia *Édipo rei* de Sófocles, e que viveu durante sete anos transformado em mulher, tornando-se profundo conhecedor dos dois sexos. De acordo com o mito, Tirésias resolvera a disputa entre Hera e Zeus sobre quem teria mais prazer na relação sexual, afirmando ser a mulher quem mais se beneficia do prazer. Como Hera defendia a opinião de que o homem sente mais prazer, ela castigou Tirésias tolhendo-lhe a visão; Zeus, por sua vez, defendia que a mulher sente mais prazer, tendo consolado Tirésias com o poder de prever o futuro. Eis, portanto, as palavras que encontramos no texto de Perniola:

E quando todos tenham passado novamente através de mim, porque embora eu não me lembre, eles já passaram uma vez; e além de outras considerações, quando todos tenham passado de novo através de mim, será uma imensa satisfação, porque eu lhes poderei dizer a todos que são o primeiro, que aquelas coisas que faço com eles não as fiz nunca com ninguém.¹²

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

KRUEL, Sandra Seara. “Final de análise”. *Reverso*, v. 29, n. 54. Belo Horizonte, set. 2007.

PERNIOLA, Mario. *Beckett e a escrita existencial*. Tradução de Juan Manuel Terenzi. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.

_____. *Estetica italiana contemporanea*. Bompiani: Firenze, 2017.

_____. *L'arte espansa*. Torino: Einaudi, 2015.

_____. *O sex-appeal do inorgânico*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

_____. *Tiresias: devenir-mujer*. Traducción de Alex Gasquet. Buenos Aires: Las cuarenta, 2016.